

Mortes de negras crescem 133%

ASSASSINATOS EM SANTA CATARINA de 2005 a 2015 avançaram quatro vezes mais do que entre mulheres não-negras

GABRIELE DUARTE

gabriele.duarte@somosnsc.com.br

Com somente 15% da sociedade que se declaram “preta” ou “parda”, Santa Catarina é o Estado com menor número de negros de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O que não quer dizer que, por aqui, essa população sofra menos com as violências. Homicídios de mulheres negras avançaram 133,4% de 2005 a 2015 no Estado, uma taxa mais de quatro vezes superior aos de mulheres não-negras, de 30,6% no período, de acordo com o Atlas da Violência 2017, um estudo elaborado entre o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A elevação dos feminicídios contra essa população superou a média nacional e da maioria das unidades federativas, exceto de Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe. Uma realidade que precisa de enfrentamento diário, mas que ganha espaço ampliado para a discussão no Dia da Consciência Negra, celebrado hoje no país.

Na visão da socióloga Bruna Pereira, que coordenava o grupo de estudos Mulheres Negras na Universidade de Brasília (UnB) antes de integrar o grupo de pesquisadores visitantes da Universidade da Califórnia em Berkeley,

esse cenário é atribuído à discriminação racial: maior onde a negritude é minoria e a cultura europeia valorizada.

– O racismo como um fator de desumanização de pessoas negras também conta na hora da violência, indicando, por essa lente, que essa mulher negra é menos humana, que tem um corpo mais forte e, portanto, não é lido como vulnerável e também como de menor valor. Na medida em que mulheres negras estão mais no polo da pobreza no Brasil, também por conta do racismo elas têm menos acesso aos serviços e maior exposição a fatores de vulnerabilidade como a violência – explica.

MENOS OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO

Formado em 2015 para a Marcha de Mulheres Negras, o coletivo Pretas em Desterro é um dos movimentos sociais que tenta alterar esse cenário no Estado. Para além do racismo, a integrante Cristiane Mare, que também é secretária de mulheres da União de Negras e Negros pela Liberdade em SC (Unegro), relaciona esses assassinatos à questão econômica. Para ela, o empoderamento é fundamental para o enfrentamento da violência doméstica, que tende a mostrar-se de inúmeras maneiras antes da morte.



Carina, Liliane, Cristiane e Cláudia fazem parte do coletivo Pretas em Desterro que luta por igualdade de direitos

– Quando levamos em consideração a interseccionalidade, que lembra do impacto da raça, do gênero, da orientação sexual e da classe social, nos deparamos com enormes diferenças. Enquanto mulheres brancas lutam para ter o mesmo salário dos homens brancos, nós não recebemos o mesmo ou sequer estamos nos mesmos espaços – detalha.

Se as mulheres brancas recebem 74% do rendimento médio dos homens, mesmo quando

possuem um nível de instrução mais elevado, as mulheres negras atingem apenas 41%, conforme o IBGE estimou em 2014. Ao terem menos oportunidades, as negras tornam-se alvos mais fáceis para as violências. Esse raciocínio, feito pela primeira vez pela filósofa norte-americana Angela Davis, é chancelado pela doutora em demografia na **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, Jackeline Romio. Ela salienta que a combinação entre três fatores

que formam um “nó de opressões” reflete na alta incidência da violência contra a mulher negra.

– A interação entre as violências patriarcal, machista e racial multiplica as chances de as mulheres negras serem acometidas por algum tipo de violação. Trata-se da multiplicidade das formas de opressão, em que a classe social é mais um tipo de violência que interage diretamente com a racista e sexista – detalha a especialista em feminicídios.

Silêncio maior entre as vítimas

Entre as mulheres que foram vítima de violência doméstica, é comum o silêncio. Entre as negras, ele impera. Vanda Pinedo, ativista do Movimento Negro Unificado em Santa Catarina, explica os motivos. Para ela, a situação é ainda pior porque essas mulheres sofrem uma série de traumas, que passam pelo racismo, exclusão social e viver em locais violentos, até chegar à violência doméstica.

– Há medo, vergonha de falar, de expor isso, de ser recriminada. Para a mulher negra é ainda pior pela questão do racismo, pelo que elas já sofrem no seu cotidiano, pela violência que já existe nas comunidades, onde as mulheres são arrimo de família. É uma violência muito velada, ela é invisível. Quando a gente fala da violência contra a mulher

negra, as pessoas não dimensionam esses fatores.

Para Vanda, a falta de instrumentos adequados para a denúncia é outro problema enfrentado pelas vítimas.

– O número de casos com certeza é maior por conta dessa condição. Os equipamentos públicos que atendem essa mulher não podem ser os mesmos equipamentos que atendem outros tipos de violência. Falta equipe multidisciplinar, uma pessoa que atenda adequadamente. Já é muito caro ela ter que falar de algo que acontece na casa dela.

Para Vanda, esta é uma realidade que precisa ser dialogada pela sociedade, “mas, mais do que isso, é preciso que o poder público tome para si a responsabilidade”.

Colaborou Stefani Ceolla

MULHERES NEGRAS MORREM MAIS

Dados do Atlas da Violência 2017
Taxa por 100 mil habitantes

